

AGOSTINHO LAZZARO

# Italianos em Castelo: 100 anos de imigração

**Iniciada em 1888, com famílias que vieram de Vêneto, Friuli, Lombardia e Trentino, a imigração em Castelo recebeu um novo contingente com a migração dos colonos que haviam se instalado em Rio Novo (atual Alfredo Chaves), ainda no final do século passado**

Foto de Cilmar Franceschetto



O preparo da polenta no fogão de lenha é uma das tradições italianas incorporadas à cultura capixaba. Em Castelo, o prato faz parte do cotidiano da população, formada em quase 80% por descendentes dos imigrantes

## No exílio, a luta pela cidadania

**C**onvidados pela Fundação Ceciliano Abel de Almeida, Sub-Reitoria Comunitária da Ufes e Prefeitura de Castelo, iniciamos no final de julho passado um projeto de pesquisa referente à presença italiana no município de Castelo para as comemorações do Centenário da Colonização Italiana que estão sendo realizadas este ano naquela cidade.

Atuando há alguns anos nesta área de pesquisa, temos nos orientado através da sociologia e da antropologia, de cujos métodos nos utilizamos para compreender cientificamente o universo complexo da realidade sócio-cultural dos italianos e seus descendentes no Espírito Santo.

Não podemos, hoje, à luz das ciências modernas, ficar omissos diante dessa complexa realidade, principalmente quando nos dispomos a atuar como pesquisadores numa área onde a maioria dos estudos realizados por aqui – salvas raríssimas exceções – não aprofunda suas análises nem esclarece os aspectos mais complexos dessa realidade em movimento, preferindo o caminho mais fácil: o da omissão diante da realidade observada.

Interessa-nos estudar e compreender, em toda a sua complexidade, as comunidades ítalo-capixabas que, felizmente, ainda preservam parte de suas tradições sócio-culturais.

É preciso ressaltar que diante de uma postura lúcida, que depende da visão de mundo dos pesquisadores, de seu senso crítico, de sua capacidade de observação e compreensão da realidade, os obstáculos e os entraves impostos por setores retrógrados de nossa sociedade são inúmeros. A praxis fascista já arraigada nesses setores, tenta impedir qualquer avanço social, político e cultural da comunidade através do monopólio e da exploração massiva dos cidadãos. Para as elites e seus "poderes", o resgate da identidade sócio-cultural das classes pobres ainda representa uma séria ameaça ao status quo.

O êxodo de milhares de imigrantes italianos no século passado é considerado atualmente, por estudiosos italianos, uma "rivoluzione conta dina" (prevolução camponesa), o que evidencia que a "saída" foi um ato político de protesto contra as elites italianas da época.

A autora paulista Zuleika M. F. Alvim, em seu excelente estudo Brava Gente! (Os Italianos em São Paulo 1870-1820 esclarece o fato dizendo que "se para alguns autores italianos contemporâneos, a emigração, o ato de partir, foi registrado como um brado de revolta, a

historiografia atual não reluta em resgatar, neste movimento, uma manifestação de luta de classes. Foi a fuga de uma situação de incrível miséria, sem dúvida, que impeliu esses homens a deixarem a sua pátria, em busca de um destino melhor; e não foi uma luta sem a consciência do que lhes sucedia".

Quando se estuda a Imigração Italiana, além do avanço do capitalismo no campo e suas sequelas, a questão agrária é a que mais se sobressai e está profundamente relacionada às raízes da imigração. Milhares de camponeses tiveram suas propriedades confiscadas pelos dirigentes italianos da época, por não terem condições de pagarem as altas taxas de impostos e quem emigrou, na verdade, não tinha outra alternativa senão partir. É sabido que ninguém abandona a sua pátria se nela reina a Justiça e a igualdade social.

Diante disso, é preciso refletir sobre a questão sócio-cultural de toda a comunidade ítalo-espírito-santense praticamente abandonada pelas instituições que representam a Itália no Espírito Santo, até o momento, não existe nenhuma política cultural para atender, com eficácia, os descendentes de italianos, tanto no interior como na capital, daquele que é considerada a maior colônia italiana no Brasil em proporção a sua população.

Por que não se instituir o ensino da língua Italiana nas escolas públicas através de um programa abrangente envolvendo a Rede Estadual de Ensino e o governo italiano? Não seria este o primeiro passo para o resgate da verdadeira identidade cultural de milhares de descendentes que não sabem a quem reivindicar o ensino do idioma de seus avós e bisavós e que também lhes pertence por direito?

Quando se pára para pensar diante da realidade observada atualmente nos municípios de Castelo e em Muniz Freire, vem logo uma constatação: falta, infelizmente, alguém que os represente, de fato, diante do governo italiano e que com seriedade e competência desenvolva um trabalho que dignifique e honre o sangue derramado pelos seus avós e bisavós na guerra silenciosa que se passou nos anos da imigração. Uma guerra que destinou milhares de camponeses – e por extensão todos os seus descendentes – ao exílio forçado no Espírito Santo.

(1) Alvim, Z. – Brava Gente! Os Italianos em São Paulo – 1970/1920 – Editora Brasiliense, São Paulo, 1986, p. 128.

**A**o se iniciar a imigração italiana em Castelo, o município ainda fazia parte, juntamente com os atuais de Muniz Freire e Conceição de Castelo, da extensão territorial de Cachoeiro de Itapemirim que, por sua vez, era o centro irradiador do Sul do estado. Toda aquela vasta região era caracterizada por latifúndios escravocratas. Com a crise da mão-de-obra, após a abolição da escravidão, muitas fazendas entraram em decadência ou ficaram semi-abandonadas. Muitos fazendeiros passaram então a pressionar o governo da Província reivindicando o direcionamento dos imigrantes italianos que até então eram localizados nas colônias e núcleos oficiais para a região das grandes fazendas cafeeiras do antigo município de Cachoeiro de Itapemirim. As primeiras famílias italianas que se fixaram em Castelo e Muniz Freire começaram a chegar já no final do ano de 1888 e começo de 1889. Esse fluxo aumenta a partir de 1890 e decresce em 1896, apesar de muitas famílias continuarem chegando por intermediários dos familiares que ali já se encontravam estabelecidos. É, portanto, no contexto social, econômico e geográfico de Cachoeiro de Itapemirim que se dão as primeiras entradas dos colonos italianos para substituírem a mão-de-obra escrava na região. A grande maioria dos imigrantes é proveniente da Itália norte oriental, principalmente das províncias do Vêneto, Friuli Venezia Giulia, Lombardia e Trentino. Ainda no final do século passado, já numa segunda fase, acontece a migração interna dos colonos italianos que estavam situados na ex-colônia Rio Novo (principalmente aqueles cujos lotes faziam parte do território do atual município de Alfredo Chaves). Esses, devido a má localização e qualidade dos lotes adquiridos pelo governo e por uma necessidade intrínseca de expansão, penetram na região Norte de Castelo, compram as velhas fazendas em abandono e criam o núcleo de Venda Nova. É bom ressaltar que esta iniciativa foi das próprias famílias envolvidas e não de uma decisão governamental.

Dentro desta perspectiva, a migração interna dos colonos italianos da antiga colônia de Rio Novo, situados em Alfredo Chaves, continua a ocorrer e a determinar a segunda etapa desta expansão, com a criação do núcleo da Fazenda do Centro pelo frei agostiniano Manuel Simon de San José, que comprou em sociedade a antiga fazenda escravocrata, dividiu-a em lotes de 10 alqueires aproximadamente e vendeu-os a famílias italianas. O primeiro grupo era formado por umas 100 famílias selecionadas pelos agostinianos, segundo consta nos livros de registro da Ordem.

A Fazenda do Centro, que tinha no seu apague 154.993,280 m<sup>2</sup> chegou a possuir um plantel de 600 escravos. Mas, após a abolição, ficou praticamente desestruturada e entrou em decadência. Porém, foi a criação do Núcleo da Fazenda do Centro pelos agostinianos, apesar de todas as contradições envolvidas na sua estruturação, o fato mais significativo da expansão dos colonos italianos em Castelo, aumentando consideravelmente o percentual de descendentes na região.

O autor é ator e pesquisador da presença italiana no Espírito Santo